

**GRITO DOS EXCLUÍDOS**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e outras entidades civis esperam reunir duas mil pessoas na segunda-feira, 7 de setembro, no centro do Rio para o protesto "Grito dos Excluídos". "Os sem-terra estão vindo de todo o Estado para fazer uma denúncia sobre a crise financeira e os problemas sociais que Fernando Henrique Cardoso está criando", disse Marina Santos, representante no Rio da direção do MST. Cerca de 120 sem-terra do norte fluminense estão acampados desde quinta-feira na Cinelândia, em frente ao prédio da Câmara Municipal do Rio, no centro.

LUÍS EDUARDO TRANSFORMA-SE NO MAIOR CABO ELEITORAL DA BAHIA DEPOIS DE SEU PAI

# MAIS VIVO QUE NUNCA

Denise Rothenburg  
Enviada Especial

**S**alvador (BA) — Se quando estava vivo Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) era apontado por todos como o novo governador da Bahia, depois que morreu tornou-se uma bandeira para os candidatos do PFL no estado. Do nome da coligação encabeçada pelo governador César Borges, "Coligação Luís Eduardo Magalhães", aos discursos e programas de governo, tudo tem a marca do ex-deputado.

Nos palanques, seu nome só não é mais citado que o de seu pai, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, o maior cabo eleitoral da Bahia. Seja no capital, ou no interior. Nenhum candidato da coligação deixa de citar Luís Eduardo, que morreu de infarto em 21 de abril — quase um mês depois de anunciado como candidato imbatível ao governo baiano.

O pai se emociona. Apontado como o todo-poderoso da Bahia, Antonio Carlos não resiste. Chora. Enxuga as lágrimas. Chora de novo. É retrato da dor de quem havia preparado todo um legado que seria transmitido ao filho. "É muito difícil superar", diz o senador ao Correio.

Basta tocar no nome do filho para os olhos ficarem marejados. Um de seus principais projetos agora é a preparação dos netos — Antonio Carlos Magalhães Neto, 19 anos, e Luís Eduardo Júnior, 16 — para passar todo o seu império político. "O filho de Luís Eduardo ainda é novo. É a cara dele! O Neto já é mais desinibido", diz.

"ACM é, pelo seu trabalho, o maior cabo eleitoral que os políticos baianos têm", diz um deputado da coligação. O engenheiro César Borges, 49 anos, que o diga. Há poucos meses era quase um desconhecido, mesmo na Bahia. Hoje é apontado como governador praticamente eleito. "Ele é um pouco mais velho, mas é da mesma geração política de Luís Eduardo", diz ACM. César Borges e Luís Eduardo eram amigos desde os tempos da Assembléia Legislativa da Bahia.

César Borges foi deputado estadual até 1990. Saíu da Assembléia para ocupar a secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos do governo Antonio Carlos Magalhães. Daí para vice do governador Paulo Souto — que se licenciou do cargo para disputar o Senado — foi preciso apenas um gesto. De ACM, é claro.

No atual campanha, o trabalho de Borges fica em segundo plano. O povo o conhece como o "candidato de ACM". E não precisa mais do que isso para vencer uma eleição na Bahia: "Eu voto em quem ACM indicar", diz José Lázaro, de 24 anos, que desce o morro correndo para cumprimentar o que ele chama de "painho da Bahia".

A segurança — o motorista e um assessor — que acompanha ACM pelas ruas de Salvador é dispensável. Durante a caminhada, não há provocações, cara feia, ou palavrão. Ao contrário: as pessoas correm para abraçá-lo, tirar uma foto ao lado dele. Os motoristas dos ônibus que passam por ali, buzinam e acenam. "ACM! Força!", gritam.

Força, aliás, virou uma palavra símbolo dos comícios desta campanha. É dita com toda a garra pelas pessoas simples, quando a palavra é repassada a Antonio Carlos. "É desse povo que tiro a minha força", repete ele nos comícios.

Mesmo a oposição evita bater de frente contra ACM. João Durval (PDT), que já foi governador do estado, tenta reagir dizendo que, enquanto Borges é candidato de ACM, ele, Durval é candidato do povo. Pelo menos, por enquanto, não deu muito resultado.

ACM se prepara para dar a César Borges uma vitória semelhante à que deu ao hoje adversário Durval, em 1982. O candidato de ACM para o governo do estado naquele ano era Cleriston Andrade, que morreu num acidente de helicóptero em plena campanha. Antônio Carlos foi buscar em Feira de Santa o prefeito João Durval e fez dele o candidato vitorioso ao governo estadual. Agora se prepara para derrotá-lo. "É o troco", dizem os aliados do senador.

Jefferson Rudy 22.8.98



O senador Antonio Carlos Magalhães, ao lado do governador-candidato César Borges, manda beijos para eleitores durante comício em Salvador